

A Henry Church¹

E por quê, senão por ti, sinto eu amor?
Estreito eu a mim, dia e noite em mim escondido,
O grande livro do mais sábio dos homens?
Na incerta luz da verdade única, certa,
Igual, na sua intensa mutabilidade, à luz
Em que te encontro, em que quietos nos sentamos,
No centro do nosso ser, por um momento,
A intensa transparência que tu trazes é paz.

Há que Ser Abstracto

I

Começa, efebo, por perceber a ideia
Desta invenção, deste inventado mundo,
A inconcebível ideia do sol.

Outra vez terás de ser um homem ignorante
E ver de novo o sol com olhos ignorantes
E vê-lo claramente em sua ideia.

Nunca imagines uma mente criadora na origem
Desta ideia nem para essa mente componhas
Um enorme senhor envolto no seu fogo.

Quão limpo o sol quando visto em sua ideia,
Lavado na mais remota limpeza de um céu
Que nos expulsou e a nossas imagens.

A morte de um deus é a morte de todos.
Que Phebo púrpuro repouse na umbra safra,
Que Phebo durma e morra no Outono umbro,

Phebo está morto, efebo. Mas Phebo foi
Um nome que foi dado a algo inominável.
Havia um projecto para o sol e há.

Há um projecto para o sol. O sol
Deve não ter nome, floração de oiro, mas ser
Naquela dificuldade que há em ser.

II

É o celeste ennui dos apartamentos
Que à ideia inicial nos reenvia, ao cerne
Desta invenção; e no entanto tão venenosos

São os êxtases da verdade, tão fatais à
Própria verdade, que a ideia inicial se torna
Eremita numa metáfora de poeta,

Que vai e vem e vai e vem o dia inteiro.
Pode haver um ennui da ideia inicial?
Que outra coisa, prodigioso sábio, poderia haver?

O monástico é um artista. O filósofo
Assinala na música o lugar do homem, digamos, hoje.
Mas o sacerdote deseja. O filósofo deseja

E não ter é o princípio do desejo.
Ter o que não há é o seu antigo ciclo.
É o desejo no fim do Inverno, quando

Observa o tempo sem esforço tornando-se azul
E vê o miosótis no seu ramo.
Viril, ouve o hino do calendário.

Sabe que aquilo que tem é o que não é
E deita-o fora como uma coisa de outro tempo,
Como a manhã atira fora o puído sono e o luar.

III

O poema rejuvenesce a vida de modo que partilhamos
Por um momento a ideia inicial... Ele satisfaz
A crença num princípio imaculado

E envia-nos nas asas de uma vontade inconsciente
A um imaculado fim. Movemo-nos entre estes pontos:
Da candura primordial à sua tarda pluralidade

E a candura que há neles é a forte exaltação do
Que sentimos naquilo que pensamos, do pensamento
Pulsando no coração como sangue recém vindo,

Um elixir, uma excitação, um poder puro.
O poema, através da candura, traz de novo um poder
Que dá a cada coisa uma cândida índole.

Dizemos: De noite no meu quarto um árabe²,
Com o seu danado hubla-hubla-hubla-hau,
Inscreve uma astronomia primitiva

Nas ilegíveis escritas que o futuro lança
E espalha as suas estrelas pelo chão. De dia
A pomba entoava o seu hubla-hu

E, sempre, a inchada iridiscência do oceano
Uiva hu e cresce, e uiva hu e quebra.
O não senso da vida trespassa-nos de estranho nexo.

IV

Não foi nossa a ideia inicial. Adão
No Eden foi o pai de Descartes³
E Eva fez do ar o espelho dela mesma,

E dos seus filhos e de suas filhas. Encontraram-se
No paraíso como num espelho; numa segunda terra;
E na própria terra encontraram o verde —

Os habitantes de um bem cuidado verde.
Mas a ideia inicial não foi moldar as nuvens
Em imitação. As nuvens precederam-nos^{4 5}.

Antes de respirarmos havia um centro de lama,
Havia um mito antes que o mito houvesse,
Venerável e articulado e inteiro.

Disto emerge o poema: de vivermos num lugar
Que não é nosso e, pior, não é nós mesmos
E isso é duro malgrado os deslumbrantes dias.

Somos os mímicos. São pedagogos as nuvens.
O ar não é um espelho mas uma tábua nua
Bastidores claro-escuro, chiaroscuro de tragédia

E a cor da rosa de comédia na qual
Instrumentos abissais soam como pios
Dos grandiosos sentidos que lhes damos.